

Para onde

vamos?

ABORDAGENS

INTERDISCIPLINARES

À ESCRITA DE VIAGENS*

Tim Youngs
Nottingham Trent University

Disciplinas em viagem

>>

Em termos académicos, têm sido vários os caminhos percorridos pela escrita de viagens. Como objecto de estudo ela tem atravessado disciplinas, o que, dado o seu contexto, não constitui surpresa. As abordagens da Sociologia e dos Estudos Culturais à vivência e às consequências da viagem são relevantes para colegas de diversas áreas, incluindo a literatura. Contudo, o detalhe textual da escrita de viagens tornou-se agora o foco de atenção de estudiosos de diversas áreas para lá da crítica literária. Os editores e a maioria dos colaboradores de um volume de ensaios recente, que tem por subtítulo *Reading Travel Writing*, são geógrafos¹; o mesmo se aplica às autoras de duas monografias sobre mulheres viajantes em África.² Os organizadores de uma outra colectânea de ensaios, com o subtítulo *Towards a Cultural History Of Travel*, são um historiador de arte e um historiador.³ O organizador da edição definitiva de *Discoverie Of Guiana*, de Raleigh, é antropólogo.⁴ A revista *Studies In Travel Writing* tem tido contribuições de estudiosos dos campos da antropologia, história e sociologia, para além dos Estudos Italianos, Franceses, Britânicos, Americanos, Árticos, Culturais e Comparatistas. Em larga medida, este cruzamento disciplinar é resultado da crise das humanidades nos anos 70 e dos interesses partilhados nos estudos sobre género e sobre (pós-)colonialismo.

O meu ensaio abordará algumas destas questões da identidade disciplinar com relação às viagens e irá questionar o que a *escrita* de viagens e a sua crítica deixam de fora.

Viagem e Antropologia

As questões de poder e de representação (no duplo sentido do termo) têm sido alvo de grande atenção desde que as humanidades e as ciências sociais se começaram a reexaminar nos anos 70, impelidas pelas suas respostas à intervenção americana no Vietname, ao movimento dos direitos civis e à nova onda do feminismo.⁵ O estudo da escrita de viagens reflecte esses desenvolvimentos na atenção dada à relação entre visitante e visitado. De uma importância particular se reveste aqui o direccionamento da antropologia para uma crítica da etnografia e a adopção de elementos dessa crítica pelos estudiosos da literatura. No entanto, o local onde todos estes olhares convergem é o texto escrito e temos de perguntar-nos, como John Hutnyk, sobre o que é deixado de fora quando olhamos para a *escrita* de viagens.⁶ O trabalho de James Clifford⁷ tem sido particularmente influente no estabelecimento de uma ponte entre os estudos culturais e literários e a antropologia. Ainda assim, Clifford tem sido criticado em várias frentes. A mais relevante para a presente discussão é a acusação de que Clifford é omissos quanto ao contexto económico e prática política das suas próprias viagens e escrita.⁸ Estas acusações não se aplicam, como é óbvio, apenas a Clifford. A afirmação de Hutnyk de que "as narrações de viagem [...] são fruto da economia de deslocação contemporânea" aponta para o facto de que os académicos que viajam e escrevem sobre as viagens não estão menos implicados nas estruturas que mantêm a desigualdade do que aqueles que eles criticam.⁹ É difícil discordar deste diagnóstico, embora a solução apresentada por Hutnyk não agrade a todos:

Sem uma perspectiva crítica baseada num esforço político devotado à mudança (...) dos problemas e à transformação das condições de desigualdade, exploração e opressão que os originam, a antropologia (universal ou local), a viagem (alternativa ou *mainstream*) e a "história da etnografia" (ortodoxa ou cliffordiana) não passa de observação de paisagens.¹⁰

Afastando de momento a invocação à acção, Hutnyk está indubitavelmente certo quando indica as limitações de uma prática crítica que, apesar dos apelos à auto-reflexividade, ignora as suas condições materiais. A denominada crise da antropologia não impediu as agências de informação governamentais de procurar recrutas entre os seus estudiosos.¹¹ Talvez seja a leitura simplista de uma disciplina que se libertou do legado colonial através da introspecção que deva ser repensada. Por outro lado, os antropólogos podem apoiar os desafortunados, monitorizar as violações dos direitos humanos e usar o seu trabalho para apoiar aqueles que procuram reparação através dos tribunais.¹² Proclamações da perda de autoridade da antropologia devem ser recebidas com algum cepticismo: tanto os exemplos radicais como os conservadores atestam o contrário.

O papel da antropologia na aquisição e transmissão de conhecimento local é sublinhado para a sua defesa. Os editores de um volume de ensaios sobre os encontros no Pacífico nos séculos XVIII e XIX comparam favoravelmente a antropologia com estudos subalternos e teoria discursiva pós-colonial, os quais, "embora insistindo em representar os seus visados pelos termos globais binários Sujeito/Outro, mantêm uma agenda particular a regiões económicas e políticas específicas, sobretudo a Índia pós-colonial, o Médio Oriente e as antigas economias escravagistas das Caraíbas e das Américas".¹³ De acordo com estes mesmos organizadores:

>>

Em reconhecimento da dificuldade que constitui encontrar uma disciplina com observação e julgamento rigorosos, a Antropologia tem avançado num jogo em que a teoria discursiva pós-colonial e o nacionalismo cultural apenas tentam manter-se no Pacífico Sul. Para além de serem particularmente cuidadosos no seu olhar sob a periferia, os antropólogos não fazem generalizações em torno da hegemonia ou da coerência sobre os propósitos europeus para a Oceânia.¹⁴

158>159

O enfoque no detalhe local é admirável: uma desejada correcção das generalizações abusivas. Contudo, e para acrescentar à confusão de disciplinas, nenhum dos três organizadores é antropólogo: todos eles são especialistas em literatura! Acrescente-se que os dois ensaios que seleccionam para a sua análise do “registo *textual* da descoberta europeia” são do antropólogo Nicholas Thomas e do arqueólogo/antropólogo Ian Barber.¹⁵ Aliás, é-nos dito que

[t]al como os estudiosos dos textos shakespearianos, estes antropólogos examinam variantes, corrigem a memória corrupta dos actores e exploram outras versões da ‘mesma’ história. A partir destas possíveis leituras, eles reconstruem o texto-ur, um misto de investigação e dedução cuja avaliação reside em quão adequadamente representa as complexidades interactivas do encontro.¹⁶

Para além de uma tal reconstrução ser feita usando os instrumentos e conceitos da teoria cultural e crítica actual e, como tal, *criar* o seu texto-ur a posteriori, esta viagem transdisciplinar, com visitas mútuas de antropólogos e críticos literários, levanta a questão sobre o que cada uma das disciplinas traz de distinto e útil aos estudos de viagens.

O papel dos estudos da viagem

Nicholas Thomas levantou uma questão similar ao notar, particularmente a partir de meados dos anos 80, a onda de novos estudos de raça, imperialismo, orientalismo e temas adjuntos, e comentou:

Muito deste trabalho tem sido necessariamente interdisciplinar; criou praticamente um campo de humanidades pós-disciplinar, no qual histórias [*sic*], estudos culturais, política cultural, narrativas e etnografias se intersectam e se desafiam. Se há algo de positivo e construtivo no desmontar das fronteiras disciplinares, dos privilégios autoritários e das fontes e modos canónicos, será, talvez, demasiado fácil celebrar esta nova fluidez, este novo campo a entusiasmantos invasões. Seria uma pena se o espectro de pluralidade intelectual alimentasse uma permissividade relativista que reconheça a fertilidade das diversas áreas e se recuse a discriminar entre elas.¹⁷

>>

Thomas advoga que se discuta a "eficácia de diferentes tecnologias disciplinares, as opções das estratégias analíticas, as prioridades a manter nas diferentes contextualizações de textos e eventos, a propriedade das diversas linguagens teóricas"¹⁸. Em *Colonialism's Culture* explica que defende e pratica uma "historicização do colonialismo", desde que esta não promova a ideia de progresso, e opõe-se a certas abordagens desconstrutivistas e psicanalíticas.¹⁹ Thomas sublinha a importância de um "entendimento pleno da pluralidade dos esforços de colonização e dos seus efeitos" e da "validade abrangente da relevância política".²⁰ Em relação a este último ponto, refere-se a projectos intelectuais, exemplificados por Raymond Williams e Edward Said, que abordam os contextos dos estudiosos e seu trabalho e dos seus públicos, e não a um salto para o 'politicamente correcto' ou para o pseudo-radicalismo de académicos que, "afinal, estão envolvidos em trabalho privilegiado a alguma distância dos teatros primordiais de acção e debate políti-

cos”²¹. Thomas alude à posição privilegiada dos académicos no Ocidente (ou Norte) em geral, não visando sugerir que alguns têm crenças políticas privadas distintas das indicadas nas suas publicações. No entanto, se seguirmos Hutnyk e examinarmos as circunstâncias da produção na escrita de viagens, somos confrontados com a incómoda verdade de que, tal como os estudos pós-coloniais, com os quais partilham uma relação por vezes tensa, os estudos da escrita de viagens parecem estar na moda. É verdade que a disciplina não é (ainda) institucionalizada da mesma forma que o são os estudos pós-coloniais. Uma mera contagem dos lugares oferecidos para especialistas de uma e da outra área em língua inglesa (ou, pelo menos, na Grã-Bretanha) prova-o — admito que outra forma de interpretar os dados seria dizer que os departamentos universitários se limitam a corrigir uma falta de previsão numa área relativamente nova e revisionista. De facto, a literatura de viagens é ainda hoje menosprezada pelos mais tradicionalistas como algo que não é bem literatura. Por contraste, parece existir na teoria cultural um desdém pelos textos literários *per se* (assim como uma resistência a temas históricos); e, na teoria pós-colonialista, uma sensação de que apenas os textos que “escrevem de volta” merecem atenção. Assim, apesar das acrescidas oportunidades de recolha de fundos, pesquisa, publicação e promoção trazidas pela crítica de escrita de viagens e pelas próprias viagens a conferências internacionais, outras universidades e bibliotecas, os estudiosos da escrita de viagem podem dar consigo num espaço indefinido entre disciplinas. Uso “dar consigo” nos dois sentidos da expressão, pois o que pode surgir como um deslocamento académico para uma zona não demarcada pode contribuir também para uma plataforma de identificação individual, ou melhor, comunitária.

Olhar para as circunstâncias materiais e para os benefícios do trabalho em escrita de viagens não implica necessariamente que nos isolemos ou nos tornemos prazerosamente introspectivos. A crescente comercialização das universidades — a ênfase na

educação como objecto a ser empacotado, comprado e vendido como qualquer outro produto — torna todos os estudiosos assalariados até certo ponto cúmplices das estruturas do capitalismo, que muitos condenariam noutras manifestações. Ora, e no entanto, esta melhor percepção das condições nas quais lemos e escrevemos sobre escrita de viagens (lembre-se os livros a preços a que apenas as bibliotecas universitárias de países ricos podem responder) deveria conduzir-nos a um pensamento profundo sobre a forma como definir as fronteiras do nosso objecto de estudo e à conclusão, clamada já por John Hutnyk, de que a escrita de viagens omite uma enorme quantidade de questões importantes. O reconhecimento das condições materiais pode ajudar a situar a viagem, a sua escrita e a sua crítica.

>>

Viagem e linguagem

Não é linear a questão sobre quais devem ser as ferramentas disciplinares específicas a incluir no estudo da escrita de viagens. A crítica de escrita de viagens tem sido influenciada pelas transições na cultura intelectual europeia e, em particular, pelo impacto das ideias estruturalistas e pós-estruturalistas francesas nas academias europeias e norte-americanas. Embora se pudesse assumir, por exemplo, que uma maior atenção ao detalhe textual pertenceria ao domínio dos estudiosos literários, tal não é o caso. Notas quanto à importância da pesquisa em arquivo e da comparação de diferentes manuscritos e edições têm sido apresentadas por historiadores, enquanto alguns estudos literários têm já sido assentes em reconhecidas versões segundas de fontes originais a partir de monografias de outros.²² A viragem para a análise discursiva ajudou a dirigir o olhar dos críticos para a representação e para a ideologia. Dois dos três estudos que mais fizeram avançar o estudo académico da escrita de viagens foram realizados por linguistas²³. Os três

estudos focam as questões de poder. Uma outra abordagem é ainda a avançada por Michael Cronin, cujo importante livro se concentra na tradução e assenta na premissa de que a indiferença à questão da língua em muitos dos textos centrais nas questões de escrita e viagem que têm vindo a ser publicados nas últimas duas décadas tem conduzido a uma grave deturpação da representação tanto da experiência de viagem como da construção dos relatos narrativos dessas experiências.²⁴ Cronin reflecte na centralidade da linguagem para a acção e narração da viagem e para o próprio acto de tradução que todo o viajante realiza. Um alvo particular do seu ataque (como o fora para Hutnyk) é James Clifford que, no seu livro *Routes*, “conseguiu ignorar por completo todo o corpo de estudos de tradução numa obra que alegadamente discute a relação entre tradução e viagem”²⁵. Para corrigir esta negligência, Cronin invoca a identificação de três tipos de tradução feita por Roman Jakobson:

Tradução intra-língua, ou tradução dentro de uma mesma língua, é a interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais pertencentes à mesma língua. *Tradução inter-língua*, ou tradução entre línguas, é a interpretação de signos verbais através de signos verbais de uma outra linguagem. Por último lugar, *tradução intersemiótica*, ou tradução de ou para algo que não linguagem verbal, é a interpretação de signos verbais por meio de signos pertencentes a sistemas signícos não verbais.²⁶

Na prática o viajante pode, ao longo da viagem, oscilar entre todos estes três tipos de tradução.

O livro de Cronin amplia e redirecciona a interdisciplinariedade da crítica do relato de viagens, comparando o viajante com o tradutor, que “ao incessantemente viajar entre línguas e culturas se reflecte a outro nível nos estudos de tradução, uma disciplina que viaja continuamente entre disciplinas” (p. 4). De notar também que, na secção de agradecimentos, Cronin afirma ter aprendido muito com os licenciandos da sua aula de

Literatura de Viagens – estudantes inscritos em Línguas Aplicadas, Marketing Internacional e Línguas e Linguística Computacional Aplicada (p. ix). Mas, apesar de Cronin ter o cuidado de não reduzir a complexidade da tradução a simples metáfora e de se recusar a “trivializar a tradução [...] usando-a simplesmente como sinónimo de qualquer outro tipo de transformação” (p. 17), é notório que adopta o símbolo problemático do nómada para descrever a circunstância do tradutor. Cronin sustenta uma ‘teoria nomádica da tradução’, segundo a qual

[o] tradutor, tal como o viajante, cavalga a fronteira entre as culturas. Uma teoria nomádica da tradução propõe o tradutor-nómada como uma figura emblemática da (pós-)modernidade, ao demonstrar o que a tradução nos diz do nomadismo e o que o nomadismo nos diz da tradução e a forma como ambos interferem nas preocupações contemporâneas em torno das questões de identidade. (p. 2)

>>

É infeliz que Cronin adopte esta imagem do nómada, uma vez que a sua apropriação romântica por Bruce Chatwin e outros autores de escrita de viagens e o seu uso questionável pela teoria da cultura afastam dela a realidade económica da existência daqueles a quem o termo de facto se aplica.²⁷ Noutros passos de *Across the Lines* Cronin presta atenção à economia ao ressaltar as restrições à aprendizagem de língua(s) estrangeira(s) colocadas às ou pelas universidades e ao recordar-nos as condições enfrentadas pelos refugiados.

Dois outros pontos de *Across the Lines* merecem menção aqui. Um é a crítica de Cronin à colecção de ensaios *Touring Cultures*, organizada por Chris Rojek e John Urry – um livro que salienta um outro aspecto particular da viagem, a ideia de que a cultura viaja e de que o turismo contribui para a construção das culturas nacionais – por esta favorecer “uma leitura excessivamente visual do fenómeno da viagem na formação cultural” a expensas da linguagem verbal.²⁸ Através da nossa comunicação sobre os lugares, a linguagem verbal torna-se fundamental para

a nossa experiência e percepção deles mesmos. O outro aspecto é a inovação tecnológica. Em particular, Cronin avalia como o desenvolvimento da internet e a abertura do ciberespaço afectaram os modos e linguagem do viajar.

O que Rojek e Urry realmente escrevem é: "Todas as culturas se refazem como resultado do fluir de gentes, objectos e imagens pelas fronteiras nacionais, quer este implique colonialismo, migração laboral ou turismo em massa."²⁹ Que tenham a necessidade de nos fazer notar isto é bem marca do que muito do estudo de viagens tem ignorado para além de marca da fixidez falsamente forjada nas culturas por alguma crítica discursiva (pós-)colonial com curta memória histórica. Provas das reconstruções culturais antigas ou mais recentes podem ser ouvidas cada vez que abrimos a boca para falar, ou podem ser lidas em cada frase que escrevemos. (Só nesta última frase coexistem termos de diversas origens linguísticas). Tal densidade de contactos pode ser escutadas em muitas línguas. Línguas, arqueólogos e historiadores da época clássica são capazes de atestar uma itinerância cultural cuja escala poderia fazer questionar algumas das conclusões quanto à globalização moderna. Uma perspectiva histórica deve ajudar-nos a repensar algumas das afirmações que fazemos sobre as viagens modernas e a cultura contemporânea.

No entanto, como vários estudiosos notaram, é claramente verdade que as mudanças tecnológicas dos últimos cento e cinquenta anos tiveram um efeito profundo não apenas na forma como as pessoas viajam (dos países industrializados, pelo menos), mas também na maneira como percebem e descrevem essas mesmas viagens. No seu livro *Moving Lives*, Sidonie Smith considera a forma como "as tecnologias de locomoção transformam as narrativas de viagem".³⁰ Mudanças na forma como as pessoas viajam alteram as suas identidades e as suas relações. O interesse de Smith incide particularmente nas questões de género, na forma "como as mulheres viajam e como estes novos modos modernos de mobilidade afectam as

histórias que as mulheres narram sobre o género e os corpos em movimento no século vinte”.³¹

Uma vez que a escrita de viagens (no seu sentido mais lato), como toda a literatura, reflecte a sociedade na qual é produzida e consumida, múltiplos elementos de cultura se infiltram nela. Esses elementos estão lá para serem descobertos e extraídos. Obviamente, as viagens de muitos grupos sociais são narradas por outros, muitas vezes de forma pejorativa. Para além dos migrantes e dos refugiados, um outro exemplo na Grã-Bretanha é o dos viajantes “New Age”, uma obsessão dos media populares (e populistas) nos anos 80 e 90 do século XX. Grupos como estes geralmente não relatam as suas próprias histórias em formato literário para consumo público. As suas histórias raramente são ouvidas por aqueles que narram histórias sobre eles, e, quando o são, geralmente são narradas oralmente e transcritas por terceiros.³² Outros poderão registar as suas viagens em escritos, mas em escritos privados.³³

>>

Viagem e metáfora

Uma outra razão para a crescente popularidade da viagem na academia é indubitavelmente o seu apelo como metáfora, uma estratégia que se aproxima da combinação de linguagem verbal com imagem visual.³⁴ Margens e fronteiras têm sido centralizadas (como parte do projecto pós-colonial acima descrito, mas também pelo seu valor simbólico); o exílio é abarcado; o deslocamento encontrou o seu lugar; o nomadismo está por toda a parte; a migração concentra-se em múltiplos fóruns. Na melhor das hipóteses, a utilização destes termos acompanha uma séria atenção àqueles por eles invocados; na pior das hipóteses, os termos estão apartados das pessoas e são usados sem se reportarem às, muitas vezes brutais, realidades que retratam. Como hipótese intermédia, os termos são aplicados segundo modas.

Num conhecido ensaio, que funciona como manifesto, Janet Wolff comentou o uso destas metáforas. Aliás, o seu artigo tem tanto de presciente como tinha de comentário da utilização coeva: foi publicado em 1993 e o uso de que fala tornou-se ainda mais comum desde então:

O vocabulário de viagem tem proliferado no discurso da crítica cultural: crítica nómada, teoria itinerante, crítico-como-turista (e vice-versa), mapas, anúncios de estrada, hotéis e môtéis... O que quero demonstrar é que estas metáforas se regem pelo *gênero*, de uma forma muito pouco reconhecida... A minha tese é a de que, assim como as ideologias e práticas das viagens *factuais* excluem ou "patologizam" a mulher, o uso metafórico desse vocabulário necessariamente produz tendências androcêntricas na teoria.³⁵

166>167

Sendo uma questão pertinente, o desafio que Wolff lança não teve acolhimento. Wolff argumenta que as metáforas estão de tal forma marcadas pela questão de género que não são recuperáveis e devem por isso ser abandonadas. Reconhece ainda que, para além do género, "disparidades de capital económico e cultural e diferenças sociais em geral têm assegurado verdadeiras disparidades no acesso a modos de viagem" (p. 224) e que as formas de viajar são diversas. Admite mesmo focar-se numa "noção exclusiva de viagem que resulta fundamentalmente numa ideia ocidental de classe-média de viagem escolhida e de lazer." (p. 225). Esta admissão é bem-vinda, até porque, no estudo da crítica de viagens, tal como noutros campos científicos, há muitas vezes uma tensão entre perspectivas que parte das questões de género e das questões de classe. A abertura de Wolff quanto aos limites da sua análise sugere que as duas abordagens não são incompatíveis, mas indicia, sensatamente, que as questões são excessivamente amplas para uma fácil junção (excepto, talvez, infere-se, quando usadas em casos específicos).

Notando a tendência dos estudiosos das viagens para citar os trabalhos dos escritores de viagem, Wolff aponta que

"[e]ste é notoriamente um momento inquieto na história cultural" (p. 225) Esta ideia poderia ter sido desenvolvida – Wolff não comenta que o volume que integra o ensaio a que ela se refere mais directamente se intitula *Traveling Theories / Travelling Theorists*.³⁶ Poderíamos especular quanto ao apelo de estar noutra lugar para teorias e teóricos contemporâneos; de ser o *Outro*, e de estar em movimento.³⁷ No seu prefácio a *Travelling Theories*, os organizadores afirmam: "Se as teorias já não totalizam, elas viajam. Na verdade, nas suas diversas origens e evoluções, as teorias são constantemente traduzidas, adaptadas, contestadas, agregadas. A teoria viaja; e os teóricos também (p. v). Mas as ideias sempre viajaram e também aqueles que as geram e trocam. Uma 'teoria' não difere nesta situação. O que surpreende aqui é a ideia de que há uma mudança e o desejo de que haja essa mudança, quando não for o caso."³⁸

>>

Wolff concentra-se nos usos de vocabulários de viagem pela crítica pós-colonial, pela teoria pós-moderna e pelo pós-estruturalismo e traça a possibilidade de uma crítica feminista de metáforas de viagem. Reconhecendo a superioridade da atracção das metáforas de movimento em relação às de estatismo e fixidez, alerta para os perigos de um abandono do sólido e do enraizado: "De um ponto de vista politicamente implicado, e (aqui) especificamente, em ligação com o feminismo, uma certa postura pós-moderna é incompatível com um compromisso fundamental com uma crítica assente na existência de verdadeiras desigualdades (de género) sistematicamente estruturadas." (p. 228). Wolff explora a hipótese de uma relação intrínseca entre masculinidade e viagem, sendo esta não uma conexão na essência, mas um fruto do papel central da viagem na construção da identidade masculina.³⁹ Wolff não nega, no entanto, que no contacto oitocentista de mulheres viajantes com os ditos "nativos", as questões de autoridade se sobrepujam às de género. Pelo contrário, e lembrando-nos que "muitas feministas avançaram a tese de que, à medida que as mulheres descobrem a sua identidade e subjectividade, a

teoria pós-estruturalista as encoraja à desconstrução e ao descentramento do sujeito.”, Wolff sugere-nos que “[a] linguagem de mobilidade, geneticamente marcada pelo género, marginaliza as mulheres que querem participar da crítica cultural” (p. 234). A questão central de Wolff parece ser a de que a teoria pós-moderna faz sabotar a noção sólida de sujeito e a narrativa específica de que o feminismo precisa. A autora sente que a corrida a termos como ‘nómada’, ‘mapas’ e ‘viajar’ transmite uma falsa sensação de movimento, uma vez que “nem todos temos o mesmo acesso à estrada” (p. 235). A usarmos metáforas de deslocamento e desestabilização, teremos que manter em mente que também elas surgem em situação. É o centro dominante, segundo Wolff, que deve ser criticado – e tem que se reconhecer que essa crítica parte de algures das margens. A estudiosa manifesta preferência pelas metáforas “terras fronteiriças”, “exílio” e “margens”, por “assentarem na ideia de que a deslocação parte de um sítio específico e excludente” (p. 235).

Wolff leva-nos a desafiar as “exclusões de um discurso metafórico da viagem” e afirma que numa cultura patriarcal nem todos estão “na estrada” juntos: sendo assim, temos de meditar cuidadosamente no emprego de um vocabulário que, sendo libertador em muitos aspectos, também encoraja a irresponsabilidade do voo e implica uma noção errónea de mobilidade universal e equitativa” (p. 235). Este é um ponto importante, mas que raramente tem tido efeito, apesar da frequência com a qual este artigo é citado. Aliás, o uso destas metáforas tem crescido. Ao apontar que as metáforas não são estáticas, Wolff propõe o reconhecimento e adequação do uso das metáforas de viagem, e não a sua rejeição; “uma boa prática pós-moderna que expõe os significados implícitos e assim potencia a subversão desses significados pensando a contra-gosto” (pp. 235-6). Mas esta estratégia ainda deixa o poder de (re)apreciação nas mãos daqueles que têm o luxo de viajar voluntariamente.

Quer a sua reapropriação seja ou não possível, as metáfo-

ras de viagem migram e assentam novas raízes. E é importante lembrar os seus contextos originais, que são muitas vezes consideravelmente mais árduos e dolorosos do que a nossa celebração da mobilidade e da fluidez indícia.

Capital em trânsito

Criticar estas práticas não é esquecer o próprio envolvimento nelas: fazê-lo seria tão auto-enganador quanto atacar o capitalismo sem simultaneamente admitir a sua imersão no sistema. Uma vez mais, sigo John Hutnyk, cujo fascinante estudo auto-crítico *The Rumour of Calcutta* demonstra a importância de uma leitura material da cultura de viagens. A "etnografia de viagens orçamentadas" de Hutnyk consiste no "estudo das formas como os diferentes visitantes ocidentais percebem Calcutá, como a escrita, fotografia e filme condicionam esse processo e como as representações turísticas se encaixam na ideologia e nas práticas do trabalho humanitário e do imperialismo cultural"^{4o} Hutnyk reconhece "as minhas próprias cumplicidades ao escrever sobre este tema" e ambiciona desenvolver "ainda que em pequena escala, um projecto anti-imperialista que não se cinja a escrever e não seja ingénuo quanto às questões de representação e apresentação" (p. ix, ênfase minha). Hutnyk propõe-se explorar também o seu próprio "envolvimento numa verdadeira indústria de descrições e explicações inscritas num aparato internacional que constitui, então, os vários 'significados' de Calcutá" (p. 4). Admite que o seu projecto, "em traços largos, o de representação, de viagem e de percepção ou interpretação", arrisca ficar submerso num "estudo do capitalismo internacional" (p. 2), mas que este é, no entanto, um risco a assumir e um trajecto que assegura resultados valiosos. Desde logo, a abordagem de Hutnyk permite-lhe observar uma panorâmica bastante mais ampla do que a apresentada pela escrita de viagens. Aliás, há nele uma leitura barthesiana dos

>>

artefactos culturais que acaba por reduzir a *escrita* de viagens a uma estrita expressão da viagem. O objectivo de Hutnyk é certamente impedir a redução de tudo a discurso ou representação, por isso se mostra mais interessado na função material e simbólica de coisas como os 'souvenirs' e no que elas dizem do seu local de origem e da sua nova casa.

Hutnyk também tem algo a dizer quanto a viagens e teoria, quanto à teoria da viagem. Num tom refrescantemente eclético, Hutnyk traz como "souvenir" dessa "indústria de produção livreira em que se tornou hoje a teoria" alguns "itens na moda": "Quero assentar o meu trabalho sob o signo de Marx e de uma análise dos processos de mercantilização e do mercado mundial, e de Heidegger, no que concerne à sua preocupação com a tecnologia e a 'produção' da forma como vivemos" (p. 14). John Hutnyk recusa considerar discurso e representação sem dar uma atenção especial às tecnologias materiais às quais "as questões conceptuais estão inextrincavelmente ligadas" (p. 15) Não é necessário ser marxista para reconhecer que as "tecnologias de representação são factores primordiais de transmissão que determinam, até certo ponto, o tipo de representações de Calcutá que podem ser produzidas" (p. 20) – e obviamente não apenas de Calcutá – mas facilitaria sê-lo para concordar que

[o] rumor de Calcutá coexiste com um capital móvel que percorre o globo, transformando em produto tudo quanto vê. Os canais tecnológicos que veiculam o rumor – os mecanismos de percepção do viajante, da escrita, da câmara, etc. – são os instrumentos com os quais o capitalismo transforma todas as culturas, emoções e identidades em formas abertas à troca. (p. 21)

Este capital móvel lembra-nos que não são apenas os indivíduos que viajam: as culturas viajam com eles e – um facto muitas vezes esquecido – as pessoas e a sua cultura viajam economicamente. No entanto, a crítica de escrita de viagens esquece muitas vezes este ponto.

Se as metáforas de capital móvel arriscam estender-se do campo material para o discursivo é uma outra e ampla questão, ligada aos problemas — e possibilidade — de enquadrar *coisas* em linguagem. As metáforas são necessárias à compreensão e descrição, mas a sua aplicação às viagens e à escrita de viagem pode obliterar (ou pelo menos menosprezar) os contextos materiais específicos nos quais a viagem acontece e a relação entre a linguagem utilizada para a descrever e os factos dessa viagem.⁴¹

Mais provas da capacidade de evasão da viagem são avançadas por uma recente antologia de escrita de viagens organizada por Robyn Davidson. Na introdução, Davidson, ela própria autora de dois significativos livros de viagem⁴², avança rotundamente que

[a] metáfora da viagem é inerente à nossa própria concepção da vida — um movimento do nascimento à morte, deste mundo para o próximo, da ignorância para a sabedoria. Na filosofia aborígene, as suas possibilidades metafóricas estendem-se à própria terra: a Austrália é uma narrativa de viagem.⁴³

O objectivo de Davidson é louvável: tornar a escrita de viagens mais inclusiva. Mas ampliar metaforicamente o conceito de viagem a todo e qualquer acontecimento pessoal e mesmo nacional é retirar-lhe substância e torná-lo uma ampla e vazia metáfora. A queixa justificada de Davidson contra uma extrema restrição da definição de escrita de viagens conduz à tal identidade em deriva que coloquei em causa no início deste ensaio. A autora define escrita de viagens como “obra não ficcional na qual o autor vai do ponto a para o ponto b e conta algo a esse respeito” (p. 3) Inclui nesta “literatura de movimento” viajantes involuntários “arrastados à volta do mundo por circunstâncias que não controlam — escravos, soldados e vítimas das guerras” (p. 3). Estes desafortunados aparecem pouco na escrita de viagens, apesar da tradição menor de viagens domésticas que revelam os socialmente excluídos. A sua representação é mais comum na fotografia, onde se levanta a difícil questão da

>>

mercantilização e estetização do sofrimento, uma tensão vivida de forma mais notória, nos nossos dias, nos retratos dos despojados pelo fotógrafo socialista Sebastião Salgado⁴⁴. Independentemente da posição de cada um no debate, vemos algo que nos confronta nos retratos de Salgado: a noção de que no pano de fundo das celebrações académicas da fluidez, mistura, miscigenização e colapso de fronteiras está, por razões políticas e raciais, o reforço de fronteiras – europeias, australianas e norte-americanas – àqueles que desejam entrar. Esse é um fechamento que tem agora apoio popular, após a conjunção oficial de terrorismo e refugiados. Enquanto escrevemos sobre movimentos globais e a destruição de barreiras disciplinares, as próprias nações em que escrevemos policiam as suas fronteiras com disciplina estatal e (no caso dos sustos ingleses quanto à entrada de imigrantes ilegais através do Túnel do Canal da Mancha, vindos de França) criticando outros países pela sua indisciplina no cerrar de portas. Isto é algo que muita da escrita de viagens e do seu estudo não abordam. Não há que culpar a escrita de viagens: ela não é um tratado de economia política. Mas analisá-la num contexto alargado permite-nos observar os detalhes integrados num panorama amplo que nos pode fazer repensar os pontos de que partimos e a forma como viajamos entre as nossas localizações intelectuais e disciplinares. <<

NOTAS

*Tradução de Sofia de Melo Araújo. Revisão de Ana Luísa Amaral.

O texto original que está na base desta tradução foi publicado em *Perspectives on Travel Writing*, organizado por Glenn Hooper e Tim Youngs, Aldershot, England Ashgate Publishing L., 2004. Os direitos de tradução foram gentilmente cedidos pelo autor e pela editora Ashgate.

[1] James Duncan, Derek Gregory (eds.), *Writes of Passage: Reading Travel Writing*, London, Routledge, 1999.

[2] Alison Blunt, *Travel, Gender And Imperialism: Mary Kingsley and West Africa*, New York, Guilford Press, 1994; Cheryl McEwan, *Gender, Geography And Empire: Victorian Women Travellers in West Africa*, Aldershot, Ashgate, 2000.

[3] Jas Elsner e Joan Paul Rubiés (eds.), *Voyages & Visions: Towards a Cultural History of Travel*, London, Reaktion Books, 1999.

[4] Sir Walter Raleigh, *The Discoverie of the Large, Rich and Beautiful Empryre of Guiana*, (trans., ed. and int. Neil L. Whitehead), Manchester, Manchester University Press, 1997. Realce-se, aliás, que nos seus agradecimentos, Whitewall ressalva que "a natureza interdisciplinar deste trabalho me coloca em dívida não apenas com antropólogos".

[5] Vd Capítulo I, "A Crisis Of Representation In The Human Sciences", in George E. Marcus e Michael M. J. Fischer (eds.), *Anthropology As Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences*, Chicago, University Of Chicago Press, 1986, pp. 7-16. Este capítulo ilustra alguns dos aspectos da redirecção para o discursivo que abordarei mais tarde. A referência de Marcus e Fischer à "alteração desfavorável da posição relativa do poder e influência americanos no Mundo" (p. 9), que surpreende pelo seu registo em 1986, encontra eco dez anos mais tarde na obra energizante, algumas vezes radical, e sempre excelente, de Caren Kaplan, *Questions of Travel*, na qual a autora nota que "vimos as «superpotências» perderem alguma da sua hegemonia social, económica e política sobre o resto do Mundo." Bem, uma superpotência em todo o caso. Caren Kaplan, *Questions Of Travel: Postmodern Discourses Of Displacement*, Durham, Duke University Press, 1996, p. 15.

[6] Comentários apresentados por John Hutnyk no colóquio "Representing Culture: Travel and Anthropology", realizado a 8 de Maio de 2002 pela Nottingham Trent University.

[7] James Clifford e George E. Marcus (eds.), *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, University Of California Press, 1986; James Clifford, *The Predicament Of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature and Art*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1988; James Clifford, *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1997. É importante realçar que a escrita de Clifford não é tão representativa da antropologia como aqueles que, como eu, externos à disciplina, geralmente assumem ser. Apresento aqui um panorama sobre-simplificado, e, ao fazê-lo, demonstro a minha afirmação de que as ligações interdisciplinares têm debilidades. A Antropologia não é o que aparenta ser para aquele que vem dos Estudos Culturais ou Ingleses. A tese central deste ensaio é precisamente a de que um desejo de um encontro multidisciplinar, pese embora muitas vezes enriquecedor, pode

>>

colocar-nos num vácuo disciplinar ao qual as aptidões científicas específicas não podem ser aplicadas.

[8] Para uma melhor noção das críticas, vd. John Hutnyk, "Argonauts Of Western Pessimism: Clifford's Malinowski", in Steve Clark (ed.), *Travel Writing and Empire: Postcolonial Theory in Transit*, London, Zed Books, 1999, pp. 45-62, particularmente p. 47.

[9] Hutnyk, "Argonauts", p. 60.

[10] Hutnyk, "Argonauts", p. 62.

[11] Tome-se como exemplo o anúncio colocado pela britânica Defence Evaluation & Research Agency (DERA) no *Times Higher Education Supplement*, de 29 de Janeiro de 2001, para investigadores seniores visitantes. Nele se especifica que os candidatos irão trabalhar sobretudo para o Centre for Defence Analysis, que leva a cabo estudos e análises de questões de defesa e segurança para o Ministério da Defesa e outros departamentos governamentais. Os candidatos devem pertencer aos quadros de universidades ou instituições de pesquisa. (Para além de antropólogos, o anúncio dirigia-se a especialistas de História e Política Contemporânea, Geo-estratégia, Ciências Sociais, Gestão e Pesquisa Operacional, Economia e Estatística). Não pretendo aqui condenar aqueles que desejam assegurar a protecção da sua nação (embora a concepção, implicações e práticas dessa defesa sejam uma outra questão), mas sim fazer notar que a Antropologia não é tão desprovida de poder quanto alguns o afirmariam.

[12] Jeremy Macclancy, "Keeping Watch on the Seats of Power", *Times Higher Education Supplement*, 21 de Junho de 2002, p. 20.

[13] Alex Calder, Jonathan Lam e Bridget Orr (eds.), *Voyages and Beaches: Pacific Encounters, 1769-1840*, Honolulu, University Of Hawai Press, 1999, p. 5.

[14] Alex Calder, Jonathan Lam e Bridget Orr (eds.), *Voyages and beaches*, p. 6.

[15] Alex Calder, Jonathan Lam e Bridget Orr (eds.), *Voyages and beaches*, p. 15, itálico meu.

[16] Alex Calder, Jonathan Lam e Bridget Orr (eds.), *Voyages and beaches*, p. 15-6.

[17] Nicholas Thomas, *Colonialism's Culture: Anthropology, Travel and Government*, Cambridge, Polity Press, 1994, p. 19.

[18] Nicholas Thomas, *Colonialism's Culture*, p.19.

[19] Nicholas Thomas, *Colonialism's Culture*, p.19.

[20] Nicholas Thomas, *Colonialism's Culture*, p.20.

[21] Nicholas Thomas, *Colonialism's Culture*, p.20.

[22] Vd R. C. Bridges, "Nineteenth-Century East African Travels", in *Paideuma* XXXIII, 1987, pp. 179-96 e o ensaio do mesmo autor "«Explorers» Texts and the Problem of Reaction by Non-literate Peoples: Some Nineteenth-century East African Examples", in *Studies In Travel Writing* 2, 1999, pp. 65-84; vd também David Henige, "Putting the Horse Back before the Cart: Recent Encouraging Signs", in *History In Africa*, 13, 1986, pp. 177-93; "In quest of error's sly imprimatur: the concept of «authorial intent» in modern textual criticism", in *History In Africa* 14, 1987, pp. 87-112; e "Ventriloquists and Wandering Truths", in *Studies In Travel Writing* 2, 1998, pp. 164-80.

[23] Sara Mills, *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*, London, Routledge, 1991; Mary Louise Pratt, *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*, London, Routledge, 1992. Mills discute a sua base de Foucauld nas pp. 6-19. O terceiro título, e o mais antigo, é o de Peter Hulme, *Colonial Encounters: Europe and The Native Caribbean 1492-1797*, London, Methuen, 1986.

[24] Michael Cronin, *Across the Lines: Travel, Language, Translation*, Cork, Cork University Press, 2000, p. 2.

[25] Cronin, *Across the Lines*, p. 4.

[26] Cronin, *Across the Lines*, p. 2.

[27] Vd. Tim Youngs, "Where Has All the Baggage Gone? Relabelling the Nomad in Contemporary Travel Writing and Criticism", in David Jarrett, Tomasz Kowaleski e Geoff Ridden (eds.), *Packing and Unpacking Culture: Changing Models of British Studies*, Torun, Uniwersytet Mikolajaja Kopernika Press, 2001, pp. 105-14.

>>

[28] Cronin, *Across the Lines*, p. 21.

[29] Chris Rojek e John Urry, "Transformations of Travel and Theory", in Chris Rojek e John Urry (eds.), *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*, London, Routledge, 1997, p. 11.

[30] Sidonie Smith, *Moving Lives: Twentieth-century women's travel writing*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 2001, p. xii.

[31] Smith, *Moving Lives*, p. xiii.

[32] Vd. Kevin Hetherington, *New Age Travellers: Vanloads Of Uproarious Humanity*, London, Cassell, 2000.

[33] Por exemplo, Inderpal Grewal tem trabalhado os diários de mulheres Sikh imigrantes nos Estados Unidos da América.

[34] Como é óbvio, os editores deste volume admitem a sua própria preferência por estas metáforas: como se mencionou na introdução, a conferência que deu origem a esta obra intitulava-se "Borders and Crossings".

[35] Janet Wolff, "On the Road Again: Metaphors of Travel in Culture Criticism", *Cultural Studies*, 7:2, -Maio, 1993, p. 224.

[36] James Clifford e Vivek Dhareshwar (eds.), *Traveling Theories/Travelling Theorists*, *Inscriptions* 5, 1989.

[37] O livro editado por Steve Clark tem como subtítulo *Postcolonial Theory in Transit*; uma colectânea de ensaios mais recente promove mesmo o movimento a título principal: Helen Gilbert e Anna Johnston (eds.), *In transit: Travel, Text, Empire*, New York, Peter Lang, 2002.

[38] "Viajar é em grande parte um conceito moderno", escreve Kaplan no seu *Questions of Travel* (p. 3). Ressalvo que este é um erro (na minha opinião) menor numa obra importante com cuja tese central concordo em grande parte.

[39] Cf. Karen R. Lawrence, *Penelope Voyages: Women and Traveling in the British Literary Tradition*, Ithaca, Cornell University Press, 1994.

[40] John Hutnyk, *The Rumour of Calcutta: Tourism, Charity and Representation*, London, Zed Books, 1996, p. viii.

[41] Para mais informação sobre viagem e metáfora, no contexto da literatura filosófica francesa de fim do Renascimento e Iluminismo, ver George Van Den Abbeele, *Travel as Metaphor: From Montaigne to Rousseau*, Minneapolis, University Of Minnesota Press, 1992. Van Den Abbeele recorda que "'metáfora' surge de *metaphorein*, transferir ou transportar" (p. xxii).

[42] Robyn Davidson, *Tracks* [1980], Londres, Vintage, 1992; *Desert Places* [1996], London, Penguin, 1997. Vd também a sua colectânea de artigos *Travelling Light* [1989], Pymble, Collins Angus & Robertson, 1993. Do seu romance *Ancestors* (London, Vintage, 1989) poder-se-á dizer, gentilmente, que a fronteira entre escrita de viagem e ficção deve por vezes ser preservada. Para uma discussão de Davidson e do nomadismo, vd. Youngs, "Where Has All the Baggage Gone?".

[43] Robyn Davidson (ed.), *The Picador Book Of Journeys*, Basingstoke, Macmillan, 2000, p. 4.

[44] Recolhidos, entre outras obras, em Sebastião Salgado, *Other Americas*, New York, Pantheon Books, 1986; *Terra: Struggle Of the Landless*, London, Phaidon, 1997; e *Migrations: Humanity In Transition*, New York, Aperture, 2000.

176>177

BIBLIOGRAFIA ✓

Abbeele, George Van Den (1992), *Travel as Metaphor: From Montaigne to Rousseau*, Minneapolis, University Of Minnesota Press.

Blunt, Alison (1994), *Travel, Gender And Imperialism: Mary Kingsley and West Africa*, New York, Guilford Press.

Bridges, R. C. (1987), "Nineteenth-Century East African Travels", in *Paideuma* XXXIII, pp. 179-96.

-- (1999), "«Explorers» Texts and the Problem of Reaction by Non-literate Peoples: Some Nineteenth-century East African Examples", in *Studies In Travel Writing* 2, pp. 65-84;

Calder, Alex, Jonathan Lam e Bridget Orr (eds.) (1999), *Voyages and Beaches: Pacific Encounters, 1769-1840*, Honolulu, University Of Hawai Press.

Clifford, James (1988), *The Predicament Of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature and Art*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.

-- (1997), *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.

Clifford, James e George E. Marcus (eds.) (1986), *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, University Of California Press.

Clifford, James e Vivek Dhareshwar (eds.) (1989), *Traveling Theories/ Travelling Theorists, Inscriptions 5*.

Cronin, Michael (2000), *Across the Lines: Travel, Language, Translation*, Cork, Cork University Press.

Davidson, Robyn (1992), *Tracks* [1980], London, Vintage.

-- (1997), *Desert Places* [1996], London, Penguin.

-- (1993), *Travelling Light* [1989], Pymble, Collins Angus & Robertson.

-- (1989), *Ancestors*, London, Vintage.

-- (ed.) (2000), *The Picador Book Of Journeys*, Basingstoke, Macmillan.

Duncan, James, Derek Gregory (eds.) (1999), *Writes of Passage: Reading Travel Writing*, London, Routledge.

Elsner, Jas e Joan Paul Rubiés (eds.) (1999), *Voyages & Visions: Towards a Cultural History of Travel*, London, Reaktion Books.

Gilbert, Helen e Anna Johnston (eds.) (2002), *In transit: Travel, Text, Empire*, New York, Peter Lang.

Henige, David (1986), "Putting the Horse Back before the Cart: Recent Encouraging Signs", in *History in Africa*, 13, pp. 177-93;

-- (1987), "In quest of error's sly imprimatur: the concept of «authorial intent» in modern textual criticism", in *History in Africa* 14, pp. 87-112.

-- (1998), "Ventriloquists and Wandering Truths", in *Studies in Travel Writing* 2, pp. 164-80.

Hetherington, Kevin (2000), *New Age Travellers: Vanloads of Uproarious Humanity*, London, Cassell.

Hulme, Peter (1986), *Colonial Encounters: Europe and The Native Caribbean 1492-1797*, London, Methuen.

Hutnyk, John (1996), *The Rumour of Calcutta: Tourism, Charity and Representation*, London, Zed Books.

-- (1999), "Argonauts of Western Pessimism: Clifford's Malinowski", in Steve Clark (ed.), *Travel Writing and Empire: Postcolonial Theory in Transit*, London, Zed Books, pp. 45-62.

>>

Kaplan, Caren (1996), *Questions Of Travel: Postmodern Discourses Of Displacement*, Durham, Duke University Press.

Lawrence, Karen R. (1994), *Penelope Voyages: Women and Traveling in the British Literary Tradition*, Ithaca, Cornell University Press.

Marcus, George E., e Michael M. J. Fischer (eds.) (1986), "A Crisis Of Representation In The Human Sciences", in *Anthropology As Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences*, Chicago, University Of Chicago Press, pp. 7-16.

MacClancy, Jeremy (2002), "Keeping Watch on the Seats of Power", *Times Higher Education Supplement*, 21 de Junho, p. 20.

McEwan, Cheryl (2000), *Gender, Geography And Empire: Victorian Women Travellers In West Africa*, Aldershot, Ashgate.

Mills, Sara (1991), *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*, London, Routledge.

Pratt, Mary Louise (1992), *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*, London, Routledge.

Smith, Sidonie (2001), *Moving Lives: Twentieth-century women's travel writing*, Minneapolis, University of Minnesota Press.

Raleigh, Sir Walter (1997), *The Discoverie of the Large, Rich and Beautiful Empire of Guiana*, (trans., ed. and int. Neil L. Whitehead), Manchester, Manchester University Press.

Rojek, Chris e John Urry (1997), "Transformations of Travel and Theory", in Chris Rojek e John Urry (eds.) (1997), *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*, London, Routledge, p. 11.

Salgado, Sebastião (1986), *Other Americas*, New York, Pantheon Books.

-- (1997), *Terra: Struggle Of the Landless*, London, Phaidon.

-- (2000), *Migrations: Humanity In Transition*, New York, Aperture.

Thomas, Nicholas (1994), *Colonialism's Culture: Anthropology, Travel and Government*, Cambridge, Polity Press.

Wolff, Janet (1993), "On the Road Again: Metaphors of Travel in Culture Criticism", *Cultural Studies*, 7:2, Maio.

Youngs, Tim, "Where Has All the Baggage Gone? Relabelling the Nomad in Contemporary Travel Writing and Criticism" (2001), in Jarrett, David, Tomasz Kowaleski e Geoff Ridden (eds.) (2001), *Packing and Unpacking Culture: Changing Models of British Studies*, Torun, Uniwersytet Mikolaaja Kopernika Press, pp. 105-14.